REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 56
JULHO A SETEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 56: ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

# A POÉTICA INTROMETIDA NA EDUCAÇÃO: A|R|TOGRAFIA

## THE MEDDLESOME POETICS IN EDUCATION: A/R/TOGRAPHY

*Leísa Sasso*

**Resumo:** Em um mundo hiper interativo e em rápida transformação, a Academia também se transforma. Ainda que de forma relutante, cientistas começam a entender que a subjetividade, a intuição e a criatividade são importantes para a pesquisa científica. Assim sendo, há que se considerar novas formas de pesquisas, novas abordagens, métodos e processos, além de outras formas de comunicação e expressão. Uma dessas formas é a arte, que desafia o paradigma cartesiano e objetivo das universidades. A a/r/tografia, a escrita com arte, a escrita do artista, pesquisador e professor é um exemplo dessa inovação acadêmica. Muitos pesquisadores usam essa escrita para dialogar com seus colegas e com a sociedade, e seguem seu método de Pesquisa Baseada em Arte para atingir seus objetivos de pesquisa. Observada a partir de uma perspectiva educacional, percebe-se que a a/r/tografia também contribui, facilita e induz a compreensão dos fatos e a ampliação do conhecimento em todas as áreas, o que a torna valiosa como pedagogia e, em um sentido mais amplo, como filosofia da educação.

**Palavras-Chave:** A/r/tografia. Educação. Práticas Pedagógicas. Poética.

**Abstract:** The Academy adapts to the rapid changes of the world. It acknowledges that subjectivity, intuition and creativity are important for scientific research. Therefore, it explores new ways of investigating, communicating and expressing its findings. One of these ways is art, which challenges the Cartesian and objective paradigm of universities. A/r/tography, the writing that combines art, research and teaching, is an example of this academic innovation. Many researchers use this writing to dialogue with their peers and with society following its method of Art-Based Research to achieve their goals. But a/r/tography is not only a scientific methodology. It is also a form of education, that helps to understand and expand knowledge in all areas. Thus, it becomes a pedagogy and an educational philosophy..

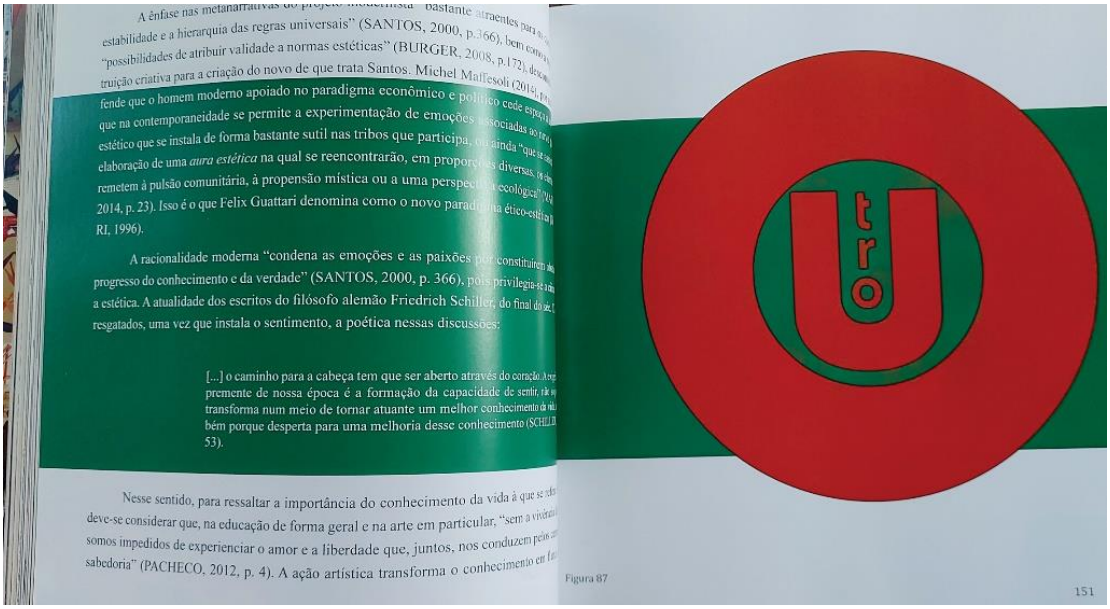
**Keywords:** A/r/tography. Education. Pedagogical Practices. Poetics.

## Prelúdio de ação transformadora

A sociedade vivencia muitas mudanças. Estamos em um período de dúvidas e questionamentos sobre os nossos modelos e padrões de organização, consumo, trabalho, comportamento. A própria ciência, triunfo da racionalidade, do método, da prova e da comprovação, também está sob escrutínio, não pela correção de seus processos ou afirmações, ou mesmo pelos seus produtos, mas justamente pelo que não consegue responder ou entregar. O mundo dos sujeitos parece um pouco

cansado do universo objetivo e imutável que o cerca e no qual se inseriu voluntariamente.

A Academia, casa da ciência, assim como a Educação como um todo, também sofrem abalos em suas profundas estruturas, em um sismo ainda fraco, mas longo e persistente. Maffesoli diz que "só pra chatear esses acacianos da universidade que brincam de cientistas para fazer esquecer a inacreditável sensaboria de seu pensamento," a sociedade opta por permanecer atrelada às banalidades (2014, p.55). Criticados pelos seus próprios pares, os acadêmicos já consideram novas abordagens, métodos e processos, novas formas de comunicação e expressão as acompanham, entre elas, a arte, agora um pouco mais presente no ambiente cartesiano e taciturno das Universidades. A subjetividade, a criatividade, a intuição ainda são estranhas, mas já não são mais heréticas.


estabilidade e a hierarquia das regras universais" (SANTOS, 2000, p.366), bem como
"possibilidades de atribuir validade a normas estéticas" (BURGER, 2008, p.172), des
truição criativa para a criação do novo de que trata Santos. Michel Maffesoli (2014),
fende que o homem moderno apoiado no paradigma econômico e político cede espaço
que na contemporaneidade se permite a experimentação de emoções associadas ao
estético que se instala de forma bastante sutil nas tribos que participa, ou ainda "que se
elaboração de uma *aura estética* na qual se reencontrarão, em proporções diversas, os
remetem à pulsão comunitária, à propensão mística ou a uma perspectiva ecológica" (
2014, p. 23). Isso é o que Felix Guattari denomina como o novo paradigma ético-estéti
RI, 1996).

A racionalidade moderna "condena as emoções e as paixões por constituírem
progresso do conhecimento e da verdade" (SANTOS, 2000, p. 366), pois privilegia-se
a estética. A atualidade dos escritos do filósofo alemão Friedrich Schiller, do final do séc
resgatados, uma vez que instala o sentimento, a poética nessas discussões:

> [...] o caminho para a cabeça tem que ser aberto através do coração. A
> premente de nossa época é a formação da capacidade de sentir, ele
> transforma num meio de tornar atuante um melhor conhecimento da
> bém porque desperta para uma melhoria desse conhecimento (SCHILL
> 53).

Nesse sentido, para ressaltar a importância do conhecimento da vida à que se refe
deve-se considerar que, na educação de forma geral e na arte em particular, "sem a vivência
somos impedidos de experienciar o amor e a liberdade que, juntos, nos conduzem pelos
sabedoria" (PACHECO, 2012, p. 4). A ação artística transforma o conhecimento em

Figura 87

151

Figura 1- Fotografia da autora. Páginas 234 e 235 de sua tese onde imagem e texto se complementam. "Outro", Augusto de Campos. Editora Perspectiva, 2015. Fonte: https://medium.com/@Perspectiva/outro-augusto-de-campos-51a386520a47

A a/r/tografia, (Irwin; De Cosson, 2004) a escrita com arte, surge neste contexto de mudanças da Academia e foi descrita como "investigação que aumenta a compreensão sobre as atividades humanas através dos meios artísticos" (BARONE; EISNER, 2006, p. 95). Muitos pesquisadores já se utilizam dessa grafia, para se

comunicar com seus pares e com a sociedade, outros tantos aplicam seu método de Pesquisa Baseada em Arte para alcançar objetivos mais amplos de investigação. Escrever é um ato de coragem, onde o autor desvela e expõe aspectos de si mesmo, além de uma visão de mundo que é a sua, seja ela compartilhada ou não. Nada mais natural, portanto, que esse sujeito encontre seu lugar nessa narrativa.

A palavra a/r/tografia foi construída a partir do prefixo A/R/T – *Artist* (Artista), *Research* (Pesquisador ou Investigador) e *Teacher* (Professor) e Graph (Grafia ou Escrita). Em termos simples é a escrita do artista, pesquisador e professor, sendo desenvolvida a partir de estudos e *Art Based Research* (ABR) e *Art Based Educational Research* (ABER), e a partir do trabalho de Elliot Eisner em cursos de pós-graduação na Stanford University nos Estados Unidos, e instituída na Faculdade de Educação da University of British Columbia (UBC) no Canadá. A a/r/tografia introduz nos procedimentos metodológicos de investigação científica, a arte como elemento importante de representação nas pesquisas.

Irwin define a Pesquisa Educacional Baseada em Arte como "Um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais" (2013, p.28). "Abrange as práticas do artista, do educador, professor ou aluno e do pesquisador e investigador" (SINNER e al, 2006). Em outros termos, a a/r/tografia não se restringe à Arte, uma vez que contribui para a compreensão e a ampliação do conhecimento em todas as áreas.

Essa forma de estudo cria proximidades ou aproxima subjetividades poéticas de teorias e práticas pedagógicas, a fim de considerar a vida em andamento como um proceder criativo em experimentação, aberto, em construção. Nesse espaço é possível relacionar, recortar, colar e transitar com uma maior flexibilidade entre as fronteiras que delimitam os conceitos de educação, arte, cultura, sociedade, política, identidade, alteridade e sexualidade.

A/r/tografia é pesquisa viva, apoia-se na pesquisa-ação, em estudo dinâmico, mutante e colaborativo. Segundo Irwin:

> Artistas entendem o poder da imagem, da performance e da palavra não separada uns dos outros e não ilustrativas, mas interligados para produzir significados adicionais. [...] Assim usar arte e texto, prática e teoria, permite a interligação, uma forma de conversação relacional. (IRWIN, 2013, p.29-30).

Naturalmente, não se trata de um espaço confortável, de onde se pode observar com isenção e independência absolutas algo que preferimos que esteja distante de nós mesmos, o que nos confere certas imunidades. Ao contrário, na a/r/tografia partilhamos um espaço de diálogo, que enfrenta negociações de significados e tensão na interação constante com outros conhecimentos. Para tanto, o trabalho a|r|tográfico usa como recurso metodológico, as figuras de linguagem (metáfora e metonímia) que "abrem possibilidades para a criação de significado e relações entretecidas" (IRWIN, 2013, p.148) de significados reconstruídos: a primeira, para transferir sentido de um significante a outro; a segunda, por meio de substituição de sujeito pelo objeto e vice-versa, ou de um conceito ser designado por outro.




Figura 2 – Contracapa da tese, composição da autora com imagens da Internet com a obra “Charlie don’t surf” de Maurizio Cattelan, 2018. Visualidades do cotidiano e Arte em diálogo e ressignificações. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Além desses recursos, recorre-se também a outro procedimento metodológico, às *reverberações* ou ao entrecruzamento de teoria, textos, estórias, práticas e

poéticas que permitem mudanças de direcionamentos e ecos transitórios de significado. Em virtude da adoção de procedimentos excêntricos, provocativos "quando o controle e a regulamentação desaparecem" (*Idem*, 2013, p.149), aparecem *excessos* ou criações que se alimentam com aquilo que sobra, que não tem visibilidade, como por exemplo, anotações, ou aquilo que se descarta para depois ser recuperado e ganhar novos significados. O conceito de *rendering* que também define a a/r/tografia é melhor entendido como as sobreposições de poéticas às teorias e práticas em interações e relações que fazem com que a compreensão de um fenômeno particular ganhe em acuidade, significação e visibilidade.

Essa maneira alternativa – e ao mesmo tempo familiar – de conduzir o processo de estudo, de escrita, considera os dados visuais não como meras ilustrações, mas como respostas, ainda que não textuais, aos problemas levantados. A articulação do imaginário e das visualidades com a construção do conhecimento acadêmico em práticas artísticas e pedagógicas é uma somatória capaz de gerar uma compreensão mais abrangente do processo de investigação onde "o sujeito e a forma da investigação estão em um estado constante de tornar-se" (SPRINGGAY et al., 2007).

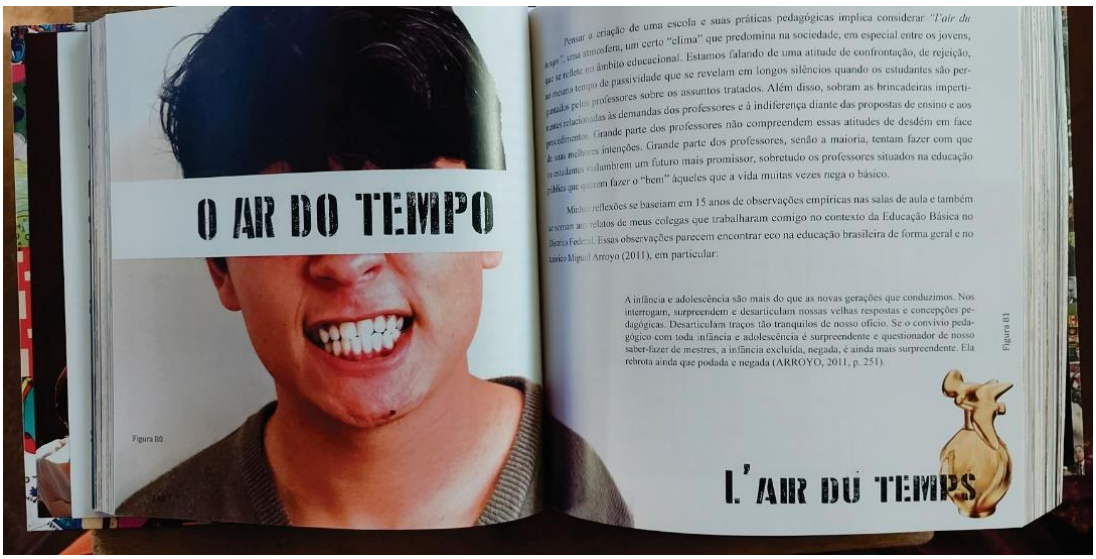



Figura 3 – Fotografia da Autora. Abertura do capítulo 5, páginas 228 e 229 da tese da autora. 2018. O perfume da escola usando uma metáfora a/r/tográfica dialoga com o tempo das visualidades, dos eventos e práticas artísticas e pedagógicas e com a pesquisa no contexto escolar. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Além de possibilitar aberturas para outras interpretações ou diálogos na pesquisa científica, a a|r|t|ografia se situa em diversos espaços, no que chamamos de "entre lugares", ou em inglês "*in/between",* espaço de fronteira, onde não estamos em um lugar, nem em outro, mas nos situamos na interseção entre um e outro espaço/tempo. Aplicando-a no contexto de Educação, ela transita por epistemologias ou através de narrativas orais, musicais, visuais e textuais, interposições de formas plásticas e representações midiáticas que reverberam e se recriam em diálogos entre professores e seus estudantes. A partir do convívio estético, de sentir e vivenciar a potência de construção cultural contida na educação, torna-se possível a reflexão sobre a realidade e sua transcendência, assim, encontrar alternativas para os moldes tradicionais presentes na educação. Desta forma, a a|r|tografia, além de ser uma metodologia de Pesquisa Baseada em Artes, também pode ser entendida como filosofia da educação, reconhecida como a poética intrometida na educação que considera a sensibilidade poética e o afeto na sala de aula.

Essa nova forma de considerar, entender e apresentar uma investigação científica, que chamamos a/r/tografia, quando aplicada à prática escolar, tem clara intenção política de crítica e transformação social, desvela a vontade dos professores, dos artistas e dos investigadores de caminhar em novas direções com seus alunos e colegas em busca de uma educação mais livre, criativa e significativa.

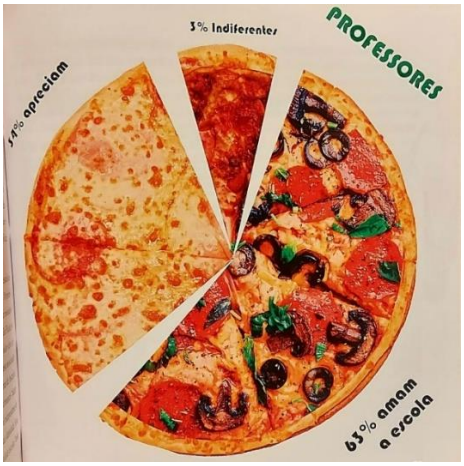



Figura 4 - Fotografia de Gráfico, página 299 suprimida da tese da autora. 2018. A pesquisa revelou que tanto professores quanto estudantes tinham uma relação de afeto muito grande com a escola em virtude de ter a arte como protagonista das ações pedagógicas. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A /|r/tografia como uma proposta de trabalho no universo escolar, em sua dimensão pedagógica, (re)une os conceitos de teoria, prática e poética entendida aqui como em sua origem grega de produção, de criação que pode afetar quem a contempla. Essas palavras, com enorme peso conceitual, foram separadas pela academia para efeito didático e nunca mais se reuniram, ou se reúnem em determinados contextos com muita dificuldade. A busca da difícilassociação entre teoria e prática nas experiências pedagógicas é texto recorrente na academia, além disso, a supressão da poética nesse contexto é perceptível em função da primazia da racionalidade pura em detrimento das emoções e do imaginário.

Nessa metodologia ou filosofia pedagógica passa a ser reivindicada a produção poética para que essa reunião entre conceitos se faça com mais facilidade. Esses conceitos fusionados que definem a a/r/tografia engendram a criação de diálogos transdisciplinares em e entre a *poiesis*, *theoria* e *práxis* no contexto da Educação Básica e Universitária. Afinal, os conceitos que definem a a/r/tografia não precisam ser percebidos apenas como componentes metodológicos de investigação acadêmica, mas podem também ser conceitos conectados, participantes de uma rede de diálogos com fins a um melhor entendimento sobre um tema, sobre os fatos. Devem ser entendidos como a ação artística da/na pesquisa, ou seja, sua aplicação na resolução de problemas facilita a execução destes e tem pertinência, pois enriquece a compreensão.

Desta forma, a a/r/tografia torna possível uma educação sensível que utiliza a estética e sua potência transformadora da realidade, que dialoga com a teoria que fundamenta a reflexão em ação, que realiza a vontade dos atores da cena política educacional. É a experiência que se pensa na teoria e que pode se realizar em poética para não só significar, mas também afetar as pessoas no processo educativo. Prática, teoria e poética são conceitos indissociáveis, uma vez que podem, juntos e em diálogos, tornar possível outra visão do mundo, da vida e da educação.

A associação da *poiesis* às atividades pedagógicas possibilita processos de transformação contínua de seus atores e a emergência de sujeitos críticos e criativos no processo educativo. Esses atores, “contaminados” ou inspirados pela estética e

pela vontade política de produções artísticas e lúdicas, podem transformar a educação e torná-la envolvente e prazerosa e, ao mesmo tempo, crítica e reflexiva.




Figura 5 - Fotografia da autora. “Muro da Livre Expressão” Centro Educacional São Francisco, São Sebastião-DF 2011. Página 362 e 363 da Tese. Para que não houvesse pichação na escola foi criado esse mural onde os estudantes se manifestavam e o recriavam sem apagar o fundo em eventos envolvendo a comunidade escolar. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa nova abordagem educacional não é isenta de críticas. A palavra *Poiesis*, do grego *poiein* refere-se à revelação da “verdade”. Mas existe uma "verdade”? O que é a "verdade"? A poética? Alguns autores afirmam que "a *poiesis* não está ligada a nenhuma consideração de ordem prática ou dispõe de intenção, tratando-se, portanto, da pro-dução" (JAGODZINSKI; WALLIN, 2013, p.85, tradução da autora). Tampouco eles se referem à produção em linha de montagem na fábrica ou a [re] apresentação da fábrica nas escolas e academias, mas sim ao processo de criação artística e seu produto final.

De fato, não se pode produzir poética apenas com a intencionalidade do artista, isso é sabido, mas se pode persegui-la como resultado de uma ação prática, de um experimento. Trata-se do espaço onde o artefato criado produz sensações subjetivas em outro ser, aquele que frui, que contempla que se afeta pela visualidade, pelo evento (*happening*), performance, pela criação independente da intencionalidade de seu criador modificado também ele pela ação ou produção poética. Aqui me refiro à independência da criação da criatura que a produz.

Então, porque a poética em estado latente de vir a ser, vir a ter outra significação de realidade, não teria espaço protagonista na educação? Se a produção de conhecimento isolada não produz sensibilidade e criatividade, podemos e devemos

experimentar diálogos gerados nas práticas pedagógicas entre o conhecimento e a poética, a fim de tornar o conhecimento mais significativo, mesmo que o produto final gerado pelos estudantes não seja uma obra arte. O simples emprego da poética, das visualidades, teatralidades, danças, músicas, da cultura visual em projetos/desafios pedagógicos acaba por gerar sujeitos que aspiram à arte, ou seja, gente ansiosa pela confluência da vida e do conhecimento com a criação artística, pessoas predispostas à experiência estética e à estesia provocada por essa.

Platão (1993) também tinha o mesmo temor que os críticos da a|r|t|ografia, quando expulsou os poetas do templo nos livros II e III da República. O medo da poética fez o filósofo alertar os seus seguidores para o poder da *poiesis* e sua produção temerária. Sem dúvida, trata-se do medo ancestral do desconhecido, do imprevisível, do incontrolável, materializado no sujeito criador que, no momento da criação, encontra-se livre, independente de toda e qualquer mediação e inatingível em sua liberdade primordial. Nada pode ser mais perigoso que o sujeito, tanto o criador quanto o observador, que se tornam perigosos para uma sociedade em busca da estabilidade, nada mais incontrolável, inexplicável e imponderável do que a subjetividade.

E sendo a Arte um perigo quando se produz, sua periculosidade é ainda maior quando se recebe. O entendimento que se faz sobre uma obra artística é ainda mais incontrolável e imprevisível e, em virtude dessa liberdade em sua plenitude, os poetas são uma ameaça à República que é, por definição, uma construção social objetiva e coletiva amparada em uma prática política. E chega-se, finalmente, a essência do ato de arte-educar. A política assim se confunde com a prática artística e pedagógica, tornando-se amparo do professor/artista/pesquisador em seu anseio e vontade de transformação da educação e da sociedade. Não é a poética que é confundida em seu significado com a prática pedagógica, mas sim a prática pedagógica que torna política a prática artística na escola.

É possível, contudo, vislumbrar outro porvir para a poética na educação, se levarmos em consideração as práticas pedagógicas e políticas produzidas nas escolas que utilizam e se confundem com práticas artísticas. Essas práticas e/ou metodologias teórico-poéticas e políticas, como a a|r|t|ográfica, têm um poder

transformador. Eventualmente os resultados dessas práticas tornam-se poéticas, contudo, esse não é o objetivo da adoção de outras práticas pedagógicas na escola. Um dos objetivos da educação é ressignificar a realidade, preferencialmente com poesia, e questioná-la, produzindo pesquisas. Se não formos tão pessimistas, esta nova perspectiva a|r|t|ográfica de prática metodológica adiciona um pouco de cor e um tanto sentimento na academia, onde quase tudo é racional, preto-no-branco. Mírian Celeste Martins discorre sobre a formação de educadores:

> Modos de pensar. Modos de propor a formação em/com arte. Modos de pesquisar, entendendo também a pesquisa como campo de formação. Modos de vivenciar a mediação cultural, intrínseca à ação docente e impulsionadora de um agir que interage, interveem, desassossega... (MARTINS, 2018, p. 12).

É bem verdade que os diálogos entre prática e teoria são escassos no meio acadêmico, sobretudo na área de humanas. Persistem inquietações de muitos educadores que não se justificam, uma vez que as interações entre a prática e a teoria acontecem naturalmente, a partir das práticas artísticas dialógicas. Não cabe definir os limites da prática nem tampouco da poética, uma vez que, partindo de uma compreensão mais ampla dessa tríade a|r|t|ográfica (poética, teoria e prática reunidas) se abraçaria indiretamente a política. Como é a ação pedagógica que persegue a compreensão mais ampla da realidade pela pesquisa, ou ainda, como produção artística realizada entre pesquisas, que pode vir a tornar-se experiência pedagógica. A diferença, é que na pretensão do professor, "a estética seria acessível a todos" (ONFRAY, 1997, p.237), ou melhor, Michel Onfray se refere ao que diz respeito à arte e seus afetos, à experiência estética que não estaria destinada a poucos privilegiados. Como distribuir a estética, a poética? Como se "partilha o sensível"? (Rancière, 2009). Como se torna acessível a arte, a poética? Talvez pela prática artística criativa que se difundiu, que se propagou e se tornou comum, não localizada e elitizada, mas, sim generalizada, acessível à todos, como Onfray concebe o acesso ao ensino superior em sua Universidade Popular em Caen na França.

De todo modo, educar por meio da arte, em investigações e recriações de significações, em revisões de propostas pedagógicas mais relacionais com as vivências do cotidiano significa construir com os estudantes uma outra visão (política)

de mundo e outras possibilidades (político) pedagógicas, a partir das práticas artísticas e da estesia provocadas por essas. A ação criadora ou emancipadora em contexto educacional transforma com o convívio estético, não um objeto inanimado, mas outros seres, afetando a realidade em consequência. A Educação Baseada em Artes, a Educação da Cultura Visual (CUNHA, 2005, 2008; BRUN; LEITE, 2023, DIAS, 2008, 2011, 2012; DUNCUM, 2011; HERNÁNDEZ, 2000, 2007, 2011; MARTINS, 2004, 2005, 2006, 2007, 2009; MARTINS e TOURINHO, 2015; MITCHELL, 2002; TAVIN, 2008; TOURINHO, 2011, 2012), a Pedagogia Cultural (FERNÀNDEZ, 2014, 2015; GIROUX, 2005, 2012; WEINER, 2001); a Pedagogia Crítica (FREIRE, 2002), a Abordagem triangular (BARBOSA,1998, 2005; BARBOSA e CUNHA, 2010) podem acontecer simultaneamente sem prejuízo de nenhuma delas.

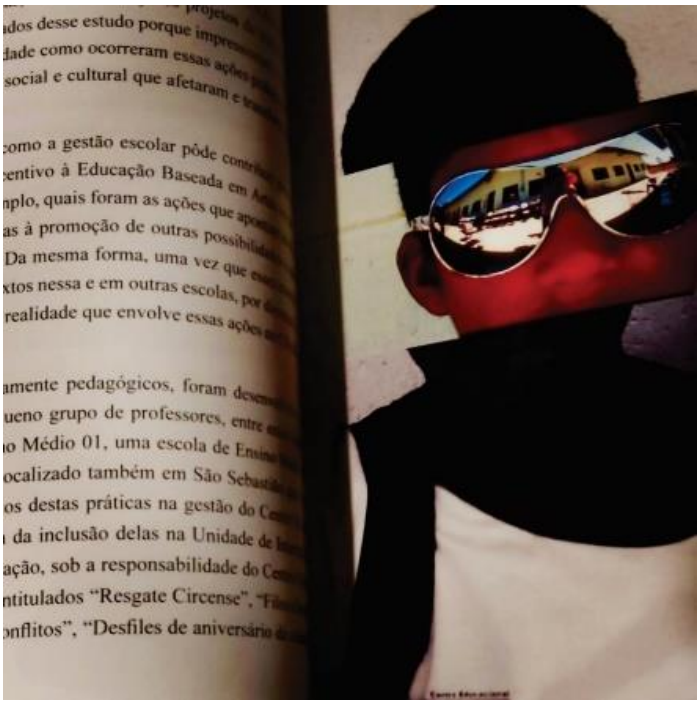



Figura 6 - Fotografia da Autora. Páginas 46 e 47 da tese da autora, 2018. A identidade dos estudantes se relacionou com a pequena escola provisória em 2008 e os estudantes se sentiram afetados por ela e pelos projetos artísticos e pedagógicos que continha. Dados recolhidos na pesquisa. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essas ideias e sugestões para uma nova pedagogia podem e devem ser discutidas e depois reconstruídas no âmbito da instituição educacional, uma vez que a a/r/tografia é uma pedagogia em construção que se nutre justamente de sua abertura para novas ideias e construções que podem ser incorporadas às práticas

pedagógicas já existentes, como uma construção coletiva, um projeto político e pedagógico. A a/r/tografia surge a partir da reflexão sobre a necessidade, a conveniência e a oportunidade de aproximar as ciências das práticas artísticas para um aprimoramento das técnicas e metodologias pedagógicas. Os conhecimentos, os saberes, o currículo e as visualidades em hibridação com as artes, performances (físicas ou artística), teatros, poemas, músicas permitem a aproximação da realidade atual com a utopia do feliz casamento da racionalidade com a sensibilidade e o imaginário na educação. Reforçar a utopia de uma mudança estrutural nas escolas é importante, haja vista a quantidade de conflitos e desencantamentos que a separação desses conceitos tem ocasionado ao longo do tempo. A ideia é abandonar a dialética modernista que opõe teoria e prática para somá-las, incluindo nessa adição a poética, ou seja, a produção artística e sua consequente experiência estética e talvez o prazer, a estesia proveniente dela. O fomento da imaginação, do prazer e da criatividade é sustentado também por Eisner:

> Nenhuma análise da arte ou justificativa de seu papel seria adequada se negligenciasse os prazeres da arte em si. A arte tem a capacidade mágica de mandar-nos à lua. Como um foguete, pode fazer nossos corações baterem mais rápido, pode fazer-nos corar, pode criar um sentimento, um ímpeto que é sua própria recompensa. (EISNER, 2013, p.71).

Conferir à disciplina Arte esse status singular, como base norteadora das atividades pedagógicas da escola, amplia sua atuação e visa transformá-la em protagonista da mudança na Educação Básica. Ao extrapolar a fronteira disciplinar a arte atravessa conteúdos, perpassa outras disciplinas e torna-se “indisciplina”. A arte atravessa classes e grades horárias para transmutar o espaço escolar, não se limita às representações icônicas da História da arte, incluindo no espaço tempo pedagógico as visualidades da cultura popular e de massas. Nesse momento em que as representações imagéticas povoam nosso cotidiano é importante considerá-las, para inferir sobre os discursos que as visualidades carregam e quem sabe assim, [re]significá-las. E, por meio delas, pode ser possível estabelecer diálogos entre a disciplina Arte e as demais disciplinas curriculares.

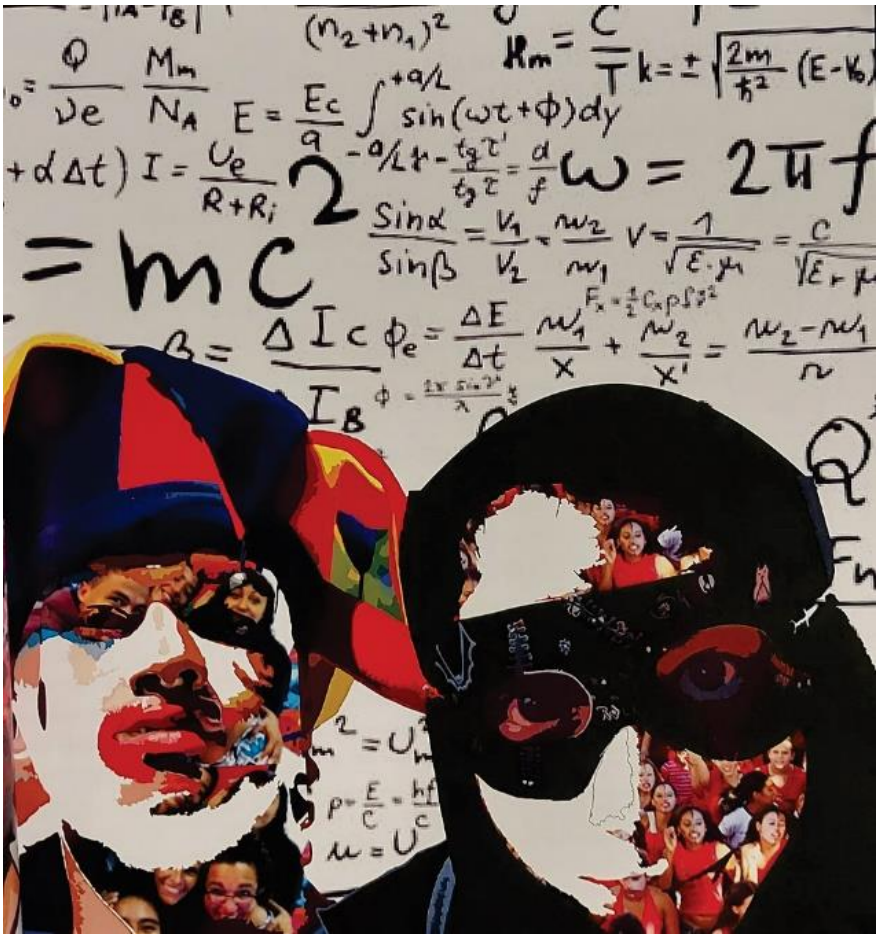


Figura 7- Composição da autora. Constante em sua tese, 2018, página 309. Montagem fotográfica que reúne diversos projetos da escola chamada “Chicão” como o Resgate Circense, Filosofança, Desfiles em Performances, Exposições e Desafios matemáticos em gincana ecológica. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O objetivo é que a escola se torne extensão da casa dos estudantes, espaço onde pulsa a vida, que se torne atraente, poética ou produtora artística, criadora de outras visualidades e de outros sonhos. Espaço jovem de protagonismo e de esperança no futuro. Claro que os professores, a gestão e os próprios estudantes serão os agentes dessa transformação da escola em espaço que irradia cultura para a comunidade. Dessa forma, a educação se aproxima do contexto onde estão inseridos os estudantes, onde é necessário [re]significar tudo, desde os eventos sociais que cercam a comunidade escolar, assim como a violência, as identidades, os valores familiares e até a própria escola. Deste modo, a aprendizagem associada à criatividade acontece como uma descoberta coletiva em um processo de simbiose com a comunidade, de acolhimento e de diálogo. Essa educação que desejamos

acontece quando fazemos da educação um prazer, como foi sugerido por Bertha Lutz (1933).

A/r/tografia é o diálogo entre texto e imagens, a imagem se articula ao texto em fusão e hibridação. Para a A|r|t|ografia as normas da ABNT, por exemplo, limitam a pesquisa em arte impondo uma padronização em espaço onde tratamos de subjetividades e imaginários. Trata-se da visão da educação como um todo, e da arte em particular, agora a serviço da educação, a partir de uma perspectiva política, onde o entendimento e a crítica se fazem com o suporte de eventos artísticos pedagógicos que, por sua vez, são estabelecidos a partir da realidade dos estudantes, sobre algo que eles tenham referenciais aos quais comparar, contrapor ou complementar.

No âmbito da Educação Básica, a a/r/tografia é uma nova forma de ver, entender e praticar a educação, não é somente uma metodologia, ou uma ação dentro do processo educativo, é mais do que isso, pois é uma proposta aberta de pedagogia, uma filosofia de educação em estado de devir, chamada a/r/tografia. Ela proporciona aos professores uma ferramenta de trabalho poderosa que aporta resultados mais significativos e duradouros. Essa trajetória no caminho da nova educação conhece e reconhece pessoas capazes de enfrentar desafios, gente mais solidária, mais apta ao trabalho em equipe. Também encontra pessoas mais sensíveis e afetivas em seus olhares sobre o mundo, que empregam a imaginação e a criatividade em suas atividades, emprestando ao outro a atenção, a preocupação e a consideração que ele merece e tem direito.



Figura 8 – Fotografia suprimida da tese da autora. No contexto do evento da formatura a organização foi feita pelos estudantes, e esses apresentaram em *flash mob* (dança improvisada) a decoração para a comunidade escolar, Fonte: Arquivo pessoal da autora

Foucault se refere ao poder, e situo aqui como o poder do docente: "não só como uma força que diz não, mas que, de fato, permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso" (1985, p.8). Sendo assim, o discurso que se faz a partir desse processo de intromissão da poética na educação, com os seus artefatos e eventos artísticos e pedagógicos criados pelos estudantes, ou melhor, os produtos derivados das ações na escola incorporam, em uma certa medida, o discurso político que, por sua vez, transfigura as próprias práticas pedagógicas no ambiente escolar, uma vez que suscitam discussões e reflexões sobre a própria escola, a realidade brasileira e mundial. A crítica à realidade circundante a partir da a|r|t|ografia, da poética, da teoria e da prática, permite agenciamentos coletivos e posicionamentos que engendram mudanças de atitudes, assim como a relação de confiança e proximidade que os estudantes estabelecem com os professores e com a escola. Já não estamos mais falando de ensino, de posturas passivas e resignadas, mas de aprendizagens coletivas, feitas de forma conjunta, ativa e criativa.

É certo que as limitações conceituais oriundas de uma pesquisa ainda nascente sobre essa nova educação baseada na criatividade, na crítica, no fazer e no prazer, não favorecem mudanças nas práticas pedagógicas. A escola ainda é um ambiente conservador. E se orgulha disso. Nada que não seja fruto da razão, da dedução lógica e da comprovação empírica merece crédito, incluindo o prazer, a intuição e a criatividade. Eisner alerta que:

> Há uma referência geral e histórica, de que a arte é uma das poucas matérias do currículo escolar que dá à criança a oportunidade de usar suas emoções e imaginação. A arte é entendida como um terreno permissivo ante um currículo repleto de números e palavras. É a arte que encoraja a criança a colocar sua visão pessoal e sua assinatura em seus trabalhos. (EISNER, 2013, p.114).

Ao articularmos a poética à educação, talvez seja possível subverter a lógica dominante, incluindo outras formas de pensar e proceder politicamente. A a|r|t|ografia enquanto pedagogia, filosofia e metodologia é uma possibilidade de transfiguração da escola e seus partícipes. E não se trata absolutamente de substituir a razão pela intuição ou a teoria pela prática ou pela poética. Ao contrário, trata-se de uma coisa e também da outra, o que se quer é teoria, prática e poética em uma atitude mais holística na abordagem e na apreensão do conhecimento. O que se procura nesse

processo é enfatizar um pensamento orgânico, que se percebe como aventura, uma experiência complexa feita de simbioses e tensões, um caminhar junto em direção a transformação da educação e do conjunto da sociedade. Trocar o OU pelo E pode parecer trivial, mas é uma tarefa que exige compromisso, rigor e desapego. “Isso não se faz sem sofrimento. Deixar, pelo alto-mar, a tranquilidade certa das teorias estabelecidas é sempre penoso” (MAFFESOLI, 2014, p. xxxiv). Ou seja, essa forma holística de pensar que deseja entender um mundo rizomático (Deleuze; Guattari., 2011) e ultra-interativo exige persistência na pesquisa, a construção de conceitos sólidos e bem definidos e uma abertura de pensamento para novas ideias e novas perspectivas.

Barone e Eisner sustentam que "a arte nos faz empregar nossas formas mais sutis de percepção e contribui para o desenvolvimento de algumas de nossas mais complexas habilidades cognitivas" (1998, p. 90). As práticas artísticas no contexto escolar e universitário podem, portanto, conduzir os diálogos interdisciplinares, multidisciplinares e até transdisciplinares a partir da arte e das imagens que povoam nosso cotidiano. Nesse momento, é oportuno conferir a disciplina Arte um status de maior peso e importância na educação para que seus fundamentos ligados à expressão de sentimentos e visões de mundo, à estética e à produção criativa sejam incorporados e possam imprimir uma conotação mais sensível à educação.

Trata-se portando, da compreensão de que o trabalho a partir de artefatos bem como de eventos artísticos e pedagógicos afeta e sensibiliza, ampliando a cognição e a significação dos fatos que se busca compreender. Eventos podem ser situações extraordinárias ao contexto escolar como festivais de cinema de 5 minutos, festas, desfiles, shows, performances, exposições, gincanas do conhecimento. Tais como aqueles que produzimos na escola que obteve o reconhecimento do MEC estando entre as 175 escolas criativas e inovadoras.

Paulo Freire ensinou que “a educação é um processo de ver a nós mesmos e ao mundo a volta de nós” (2002). Desse modo, a arte e a a/r/tografia, a poética, a teoria e a prática intrometidas na educação têm papel relevante na construção de um indivíduo crítico e criativo, que produz eventos e objetos, fornecendo-lhe experiências que o ajudem a refletir, a desenvolver valores, sentimentos, emoções e uma visão

questionadora do mundo que o cerca, intervindo no cotidiano a partir de suas práticas artísticas e pedagógicas.

**Referências:**

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*.Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais.* São Paulo: Cortez, 2010.

BARONE, T.; EISNER, E. W. Arts based educational research. In: JUDITH L.G. (Org.) *Handbook of complementary methods in educational research*. New York: Routledge, 2006. P, 95 – 106.

BRUM; LEITE. 23Educação em Foco, ano 26, n. 48 –Janeiro/ Abril 2023 | e-ISSN-2317-0093 | Belo Horizonte (MG)

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Educação e cultura visual: uma trama entre imagens e infância. *Tese (*Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS. Porto Alegre, 2005. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/79457. Acesso em: 25 Abr 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Féliz. *Mil Platôs*. Tradução de Ana Lúcia Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Cecília Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIAS, Belidson. Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo (Org.). Visualidade e Educação. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual/FUNAPE, 2008, p. 37 -53.

DIAS, Belidson. *O i/mundo da Educação da Cultura Visual*. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

DIAS, Belidson. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). *Cultura das imagens*: desafios para a arte e para educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012, p. 55 -73.

DUNCUM, Paul. Por que a arte educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). *Educação da Cultura Visual:* conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011, p. 15 –30.

EISNER, Eliot. *El Ojo Ilustrado: Indagación cualitativa y mejora de la prática educativa.* Barcelona: Paidós, 1998.




EISNER, Eliot. Estrutura e mágica no ensino da Arte. In ANA MAE BARBOSA (Org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2013.

FERNÀNDEZ, Maria del Rosário Tatiana. Eventos Artísticos como pedagogia cultural. Brasília, 2015.

FERNÀNDEZ, Maria del Rosário Tatiana; DIAS, Belidson. Pedagogias Culturais nas entre viradas: eventos visuais & artísticos. Em: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.) Pedagogias Culturais. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educativa. Tradução: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). *Educação da Cultura Visual*: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 31-49.

IRWIN, Rita. A/r/tography: a metonymic métissage. In: IRWIN, R. L.; DE COSSON, A. (Orgs.) A/r/tography: rendering self through arts-based living inquiry. Vancouver, BC: Pacific Educational Press, 2004ª. p. 27-38.

IRWIN, Rita. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.) *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

JAGODZINSKI, jan; WALLIN, Jason. *Arts-Based Research: A Critique and a Proposal*. Rotterdam: Sense Publishers, 2013.

LUTZ, Bertha. O papel educativo dos museus americanos: relatório apresentado ao diretor do museu, dr. Roquette-Pinto. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1933. BL.0, MUS 22/3; BL. 0, MUS 22/2.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MARTINS, Mírian Celeste. A floresta entre Palavras e Imagens. In: MARTINS, Mírian Celeste; BONCI, Estela; MOMOLI, Daniel (Orgs.) *Formação de educadores: modos*

*de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural.* São Paulo: Terracota Editora, 2018.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: Oliveira, Marilda de; HERNÁNDEZ, Fernando. (Orgs.). A formação de professores e o ensino das artes visuais. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2005, p. 133 -145.

MARTINS, Raimundo. (Org). Dossiê Cultura Visual. In: Visualidades: revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual. Goiânia: FUNAPE, v. 4. Ed, 2006.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: Oliveira, Marilda de. (Org.). Arte, educação e cultura. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, p. 19 -40.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Circunstâncias e ingerências da Cultura Visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 51 -68.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Entrevidas das imagens na Arte e na Educação. *Cultura das Imagens*: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2012, p. 09 –13.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. ENCONTROS COM SENSIBILIDADES EM SAUDÁVEIS DESQUÍLIBRIOS DA RAZÃO: atos e processos de aprender, pesquisar e ensinar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). Educação da Cultura Visual: aprender... pesquisar... ensinar... Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015, p. 133 -146.

MITCHELL, William John Thomas. Showing seeing. Journal of Visual Culture, v. 1, nº. 2, p. 165 -181, 2002. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/147041290200100202. Acesso em: 18 Jul 2022.

ONFRAY, Michel. *Politique du rebele: Traité de resistence et d'insoumission*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 1997.

PLATÃO. *A República*. Tradução M.H.R. Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*; tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SINNER, Anita.; LEGGO, C.; IRWIN, R. L.; GOUZOUASIS, P.; GRAUER, K. Arts-based educational research dissertations: reviewing the practices of new scholars. *Canadian Journal of Education*, v. 29, n.4, p. 1223-1270, 2006.

SPRINGGAY, S. et al. (Org.) *Being with a/r/tography*. Rotterdam, The Netherlands: Sense Publishers, 2007.

TAVIN, Kevin. Antecedentes críticos da cultura visual na arte educação nos Estados Unidos. In: MARTINS, Raimundo. (Ed). Visualidades e Educação. Goiânia: FUNAPE, 2008, p. 11 -24.

TOURINHO, Irene. Imagem, identidade e escola. In: Salto para o futuro: Cultura Visual e Escola. Ano XXI Boletim 09 -Ago 2011.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisas e educação: questões éticas, estéticas e metodológicas. In: TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. (Orgs.). Cultura das Imagens:desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012, p. 231 -252.

WEINER, Eric. Making the Pedagogical (Re) Turn : Henry Giroux's Insurgent Culture Pedagogy. JAC. v.21, n.2, pg 434-451, Spring, 2001.